

# humanitas

Vol. XLVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLVIII • MCMXCVI



AMÉRICO DA COSTA RAMALHO  
*Universidade de Coimbra*

## UMA CARTA DE CATALDO A PEDRO HOMEM

Esta carta, pela sua brevidade, mais se poderia chamar um bilhete, mas a sua importância é grande para se fazer uma ideia da cronologia dos textos de Cataldo que chegaram até nós. Como, por vezes, acontece com a correspondência de Cataldo, a peça epistolar que vou referir não pode ser entendida sem o conhecimento dos versos do humanista.

Eis o seu texto latino:

Cataldus petro homini S.

Si uales corpore et animo gaudeo agoque Deo quas possum gratias. Iam te in querimonia nostra inserui: si non iuxta tui ipsius merita: saltem secundum mei ipsius erga te optimam uoluntatem. Mitto epigramma quod pro tribus (quos scis) amicissimis meis edidi. Vale, studeque ualetudini.<sup>1</sup>

E a sua tradução em português:

“Cataldo a Pedro Homem Saudações

Se estás bem de corpo e de espírito, fico contente e a Deus dou os agradecimentos que posso. Já incluí o teu nome na minha *Querimonia*, se não de acordo com os teus méritos, ao menos segundo a excelente vontade que me anima a teu respeito.

Envio-te o epigrama que dediquei àqueles três muito meus amigos que tu conheces.

Passa bem e olha pela tua saúde!”

A *Querimonia* e o *epigramma* referido na carta são peças poéticas de Cataldo.

A *Querimonia*, assim chamada na edição *princeps* publicada mais tarde do que 1500 (*Poemata*, h4 e seguintes), foi impressa em 1569, com o título de *Conquestio*<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> *Cataldo Parisio Sículo - Epistolae et Orationes*. Edição fac-similada. Introdução de Américo da Costa Ramalho. Por Ordem da Universidade, Coimbra, 1988, fol. b vº.

<sup>2</sup> Em D. António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1954, tomo VI, ii parte, p. 179 e seguintes.

Em ambos os casos o texto é o mesmo, salvo ligeiras diferenças, e dirigido a D. João Manuel, camareiro-mor do rei D. Manuel, que faleceu em 1499. Este dado é, assim, o *terminus ad quem*.

O poema *Querimonia*, uma longa elegia, deve ter sido composto pouco depois da morte do rei D. João II, em 25 de Outubro de 1495.

Na relativa confusão dos serviços administrativos, que naturalmente seguiu à mudança de reinado, Cataldo sentiu-se abandonado, com os tesoueiros a esquecerem-se de lhe pagar. Acresce que nesses anos imediatamente seguintes à morte do pai, o Senhor D. Jorge sacudiu a tutela imperiosa do seu mestre Cataldo, como em tempos recordei. A reconciliação só deve ter voltado por volta de 1500, quando D. Jorge casou, como prova o *Epithalamium* que o humanista dedicou à família da noiva, filha do Senhor D. Álvaro, condestável de Portugal e irmão do duque D. Fernando de Bragança, executado em 1483.

A *Querimonia* é um longo queixume a D. João Manuel, em que Cataldo recorda os serviços a Portugal, o maior dos quais foi a expulsão da barbárie cultural, empresa que, a darmos crédito aos seus lamentos, lhe valeu a incompreensão e a perseguição de muitos, Eis um trecho significativo:

Dum studeo innatam pellere barbariem  
 Ecce rebellantes uideo; non Herculis hydra  
 Tam dira in quemquam nec truculenta fuit.  
 Huc Heliconiadas nymphas, artesque politas,  
 Duxi uix nostris cognita temporibus.  
 Tum nitidos hausit nostro de fonte liquores  
 Et pepulit siccam maxima turba sitim.  
 Non auxi solum studiis, sed moribus aptis  
 Erudii iuuenes, erudii que senes.  
 Demum si qua fides praestanda est uera fatenti,  
 Lumine priuatis lumina praebuimus.  
 Istud idem Latias scio me fecisse per urbes,  
 Non mihi, sed summo gloria danda Deo.  
 Illic non habui stultas, nec proelia, rixas,  
 Ipsa sua uirtus, aegide tuta fuit.<sup>3</sup>

“Enquanto me esforço por repelir a inata barbárie, eis que os vejo revoltarem-se. Não foi a hídra de Hércules tão cruel nem tão violenta contra quenquer que fosse.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 182/183.

Para este País, eu trouxe as ninfas do Hélicon e as Belas Letras, mal conhecidas no nosso tempo. Depois, uma enorme multidão bebeu da nossa fonte a água límpida e repeliu a secura da sede. Não os enriqueci apenas com estudos, mas com os costumes apropriados. Instruí os jovens e instruí os velhos. Finalmente, se deve acreditar-se em quem diz a verdade, eu trouxe a luz aos dela privados. Isto mesmo eu fizera pelas cidades do Lácio - bem o sei -, não para glória minha mas de Deus. Lá não tive tolas rixas nem combates, mas a virtude foi escudo de si própria.”

A sua carreira em Itália não foi tão serena como os seus versos sugerem. Todavia, a indignação pela injustiça de que se sentia alvo, parece justificada.

D. João Manuel, cujas boas relações com o humanista são documentadas na correspondência e nos versos de Cataldo, parece não ter respondido à *Querimonia* do Sículo que resolveu redigir uma segunda elegia intitulada *Ipsiusmet Cataldi responsum eiusdem ioannis emmanuelis nomine* (“Resposta do mesmíssimo Cataldo em nome do mesmo João Manuel”). E é nesta segunda elegia que se encontra a menção de Pedro Homem, como um dos amigos e protectores de Cataldo:

Necnon Petrus Homo, caelesti lapsus ab aura  
 De Stygio poterit te reuocare lacu.  
 A puero ante alios Regi carissimus, illi  
 Tanta fides, uirtus insita, tantus amor.  
 Quique facit, miti quodcunque emiserit ore:  
 Nec nisi magna refert, nec nisi sancta monet.  
 Multum pauca loquens: aliena libentius audit,  
 Tantum Socraticae pectore frugis habet.  
 Comis ut effigiem, sua sic praecordia praebet,  
 Candidus exterius, candidus interius.  
 Ad nos si uenies: tanti solamen amici:  
 Et tibi curarum grande leuamen erunt.<sup>4</sup>

“E também Pedro Homem, descido da aura celeste, poderá chamar-te do lago Estígio. Desde criança, ele foi queridíssimo do rei, mais que os outros. É tão grande a sua dedicação, tão grande a sua virtude natural, tão grande o seu amor! Ele que tudo quanto faz, quanto exprime de sua boca afável, é elevado e de são conselho. Diz muito em poucas palavras e ouve

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 192.

com mais gosto os outros, tanto o seu peito é pleno de doutrina socrática! Agradável de aspecto, agradável de natureza, cândido por dentro é cândido por fora. Se vieses ter connosco, terás o consolo de tão grande amigo e um grande alívio dos teus cuidados.”

Cataldo parece estar na altura fora da corte, talvez em Santarém. . . .

Os versos são de Cataldo, mas postos na boca de D. João Manuel. E de facto, o camareiro-mor de D. Manuel era amigo do seu estribeiro-mor, Pedro Homem, como veremos adiante.

Quanto ao epigrama referido na carta de Cataldo a Pedro Homem, com que iniciámos este artigo, ele deve ser o primeiro da série de sete epigramas que Cataldo dedicou a Pedro Homem. Eis o seu texto:

Hinc Ludouicus me uerberat, et Nunus illinc  
 Deseruit mediis iam fugitiuus aquis.  
 Meque capistratum duxit Carriglus, et aspris  
 Cessauit dudum caedere uerberibus.  
 Istorum melius quem tu fecisse putabis?  
 Quem tingi nostro carmine Petre iubes?<sup>5</sup>

“Daqui, Luís dá-me pancada e dali Nuno, já fugindo, abandonou-me no meio das águas. E Carrilho conduziu-me pela arreata e cessou entretanto de me cobrir de duros golpes. Quem - na tua opinião - de todos eles procedeu melhor? Quem mandas tu que fique manchado com os nossos versos, ó Pedro?”

A referência na carta aos “três excelentes amigos” é irónica, como se vê pelo conteúdo do epigrama, cujo sentido não pode deixar de ser figurado. Trata-se de três amigos que não corresponderam às expectativas que neles pusera Cataldo. Luís e Nuno podem ser hipoteticamente identificados, mas Pedro é, sem dúvida, Pedro Homem.

Quanto a Carrilho, aparece na *Querimonia* num verso quase igual:

Meque capistratum ducit Carriglus et acre  
 Verberat: i, tali uiue poeta loco!

E volta a aparecer no *Responsum*:

Sed magis admiror Carriglum quippe probatum  
 Necnon urbanum credimus esse uirum.

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 261.

Vê-se, pelo último dístico, que a atitude de Carrilho fora a que mais surpreendera Cataldo, por se tratar dum homem bem educado. Tudo isto deve ter que ver com os atrasos no pagamento dos vencimentos de Cataldo.

A Pedro Homem dedica o humanista mais seis epigramas “In aedibus pomarii petri hominis”<sup>6</sup>. Neles elogia a residência e os jardins de Pedro Homem, deixando-nos uma lembrança, pouco frequente na nossa poesia, do viver requintado da Renascença. Cito um para mostra:

Moestitiam quicumque studes propellere: tende huc  
 Bina ter in pario lumina fonte laua.  
 Laetus eris, gratesque deo petroque secundas  
 Solue homini tanti qui tibi causa boni.

“Quemquer que sejas tu e desejas afastar a tristeza, vem até aqui. Lava três vezes os dois olhos na fonte de mármore de Paros. Ficarás contente. E dá a Deus e a Pedro Homem felizes agradecimentos, a quem foi causa de tanta felicidade tua.”

Outras referências a Pedro Homem se encontram em Cataldo, desde a sua participação numa caçada<sup>7</sup> até à manifestação de júbilo do humanista pela mudança para melhor, do tratamento que lhe dava a “baleia”, em cuja casa estava hospedado: “Ad petrum hominem de pistrice tandem mansuefacta”<sup>8</sup>.

\*

\*       \*

O epigrama atrás transcrito, onde Cataldo fala dos três amigos que o desiludiram, aparece nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, Atlântida, 1954, VI, ii, p. 261, mas não se encontra na *editio princeps*, anterior a 1517, ano provável da morte do humanista.

A edição do século XVIII, feita por D. António Caetano de Sousa nas *Provas*, foi tirada duma edição hoje desaparecida, corrigida pelo humanista António de Castro, em 1569. Castro não sabia que os versos de Cataldo já tinham sido impressos antes e terá publicado os manuscritos antigos que vieram à sua mão.

Ora a supressão deste epigrama na edição príncipe, juntamente com a alteração de alguns versos do *Responsum ad Querimoniam* podem dar-nos a

<sup>6</sup> *Poemata Cataldi*, fol. q3 vº - q4; *Provas* VI, ii, p. 261-262.

<sup>7</sup> *Poemata Cataldi*, fol. a 8 vº. Aí é chamado *Musarum decus*.

<sup>8</sup> *Poemata Cataldi*, fol. p 5.

pista quanto à cronologia dos versos de Cataldo. Com efeito no *Responsum* os versos referentes a Pedro Homem são aplicados a um *Ficerius* que não sei quem é. Pensaria em Martim Figueiredo se, por esse tempo, ele não estivesse ainda em Itália.

Comparemos os versos das *Provas*, p. 192:

Necnon Petrus Homo caelesti lapsus ab aura  
 De Stygio poterit te reuocare lacu.  
 A puero ante alios regi carissimus, illi  
 Tanta fides, uirtus insita, tantus amor.  
 Quique facit, miti quodcumque emiserit ore:  
 Nec nisi magna refert, nec nisi sancta monet.

com os versos dos *Poemata* (ed. príncipe), fol. I, 4:

Necnon ficerius caelesti lapsus ab aura  
 De stygio poterit te reuocare lacu.  
 Qui peragit miti quodcumque emiserit ore  
 Nec nisi magna refert: nec nisi sancta monet.

Foram suprimidos dois versos, certamente porque se não adaptavam às condições de *Ficerius* que substitui *Petrus Homo*.

Com efeito, Pedro Homem faleceu em 1498 e Cataldo, ao preparar os versos para impressão, anos mais tarde, em busca de novo Mecenas, passou a louvar um *Ficerius* a quem, provavelmente, não serviam os dois versos suprimidos. Aliás, por esse tempo, tinha falecido também em 1499, D. João Manuel, de maneira que a alteração se tornava mais fácil.

Deste modo, tanto a supressão do epigrama desagradável, como a alteração dos versos nos *Poemata*, sugere que os manuscritos encontrados por Álvaro de Castro representam uma versão anterior àquela que foi publicada por Cataldo. E assim podemos considerar os versos das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, publicados no século XVIII, como mais antigos que os dos *Poemata*, impressos no século XVI.

\*

\* \*

A inclusão do nome do estribeiro-mor Pedro Homem num poema dedicado ao douto camareiro-mor D. João Manuel, e os outros versos que a Pedro Homem são endereçados por Cataldo, fazem supor que Pedro Homem pertencia à camada instruída da corte.

E de facto os dois amigos aparecem, por vezes associados, no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, publicado em 1516.

Há versos “de Pedr’Omem a Dom Joam Manuel” em I, p. 201-202. Outros “de Pedr’Omem, estando fora da corte, a Dom Joam Manuel que estava com El Rey em Almeirim”, I, 202-203, que começam:

Sem tocar o Zodiaco  
sem tocar musas nem fadas,  
sem tocar Venus, nem Baco,  
sem fazer outras leuadas,  
vos começo de pedir  
da corte nouas,  
se não morrerdes de ryr  
de minhas trouas.

No final, vem a “Resposta de Dom Joham Manuel” em que, entre alusões difíceis de identificar com segurança, há conselhos que confirmam o seu espírito sentencioso:

Segundo o mundo çoçobra,  
eu me fundo  
qu’ee sandeu quem se não logra  
deste mundo.

Outros pequenos poemas de Pedro Homem são dedicados um a D. Branca Coutinho “quando casou” (I, p. 202), e outro a D. Gonçalo Coutinho (I, p. 204). Este volume I, aqui citado, é o da edição de Costa Pimpão e Aida Fernanda Dias (Coimbra, 1973). Igualmente, o vol. II.

Nos versos sobre os que fizeram carapuças de solia (um tecido grosseiro), vêm as trovas “De Pedr’Omem a Anrique Correa” (II, p. 107):

Se a fizeste por bem,  
he pesada,  
se por doçe, he salguada,  
se por fria, he de neue.  
Que a vós não vos pareça,  
nam foy pequena ousadya  
quererdes trazer de dia  
carapuça na cabeça.

Noutras trovas “De Dom Joam Manuel a Lopo de Sousa, ayo do duque, vindo de Castela no Verão com hũa grande carapuça de veludo, que

os castelhanos chamam gangorra” (II, p. 109), Pedr’Omem ajuda com duas sétimas. A inicial contém aquilo que deve ser uma das primeiras referências em Portugal ao *morbo gálico*. O cerco de Perpilhão, nela mencionado, foi em 1493:

Sayba todo portugues  
 porque tal trajo o não vença  
 qu’estas vêm d’ũa doença  
 que se chama mal françes:  
 pegou-se da frontarya  
 a Perpilhão,  
 morreo loguo o capitão.

Além destas trovas de carapuças, os dois amigos aparecem associados noutras como as seguintes:

De Dom Joam Manuel,  
 camareiro moor

Desejo muyto saber  
 de quem foy leedo algum dia  
 que cous’ee esta alegria,  
 porque nunca a pude veer.

Andey ja dias e anos  
 pol’achar, vou-m’a perder,  
 soffrendo coytas e danos,  
 acho sempre desenguanos  
 que me não leyxam viver.  
 Desespero de prazer,  
 sam tam fora d’alegria,  
 qu’em que ma mostrem de dia,  
 nam na ey-de conhecer.

Pedr’Omem

Hũs dizem qu’estava caa,  
 outros que vem de Castela,  
 em poder d’ hũa donzela  
 de que nunca s’aueraa.  
 A outros ouuy dizer  
 qu’esta senhora sabya,  
 com muyto pouca alegria,  
 muyta tristeza fazer. (II, p. 74)

Para as restantes poesias de Pedro Homem, consultar na edição citada o “Índice de Autores”, elaborado por Aida Fernanda Dias.

\*

\* \*

No presente artigo, creio ter provado que não é possível interpretar com segurança algumas das cartas de Cataldo, sem conhecer os seus versos. Mostrei como o *Cancioneiro Geral* pode completar as informações de Cataldo. E já em ocasião anterior provei como, inversamente, é possível explicar o *Cancioneiro Geral* com os versos de Cataldo<sup>9</sup>.

Além disso, no presente artigo, trouxe algumas achegas para a questão da cronologia da obra impressa de Cataldo Parísio Sículo.

---

<sup>9</sup> Américo da Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*: I, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1985, p. 23-30.